

Resumo do texto (T4) de Norbert Elias: Como mudanças macro-sociais repercutem na estrutura psicológica?

Felipe Missé Medeiros 8967160

Com contribuições dos grupos e do professor

O que torna a organização da sociedade sob a forma de “Estados”? O que a monopolização e a centralização de impostos e da força física num vasto território tem a ver com a “civilização”? Essas questões são examinadas ao longo do capítulo do livro de Elias sobre o processo civilizador.

Pessoas isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa “civilização”, pretendendo efetivá-la, gradualmente, através de medidas conscientes, “racionais”, deliberadas. Na verdade, nada na história indica que essa mudança tenha sido realizada “racionalmente”, através de qualquer ação intencional de pessoas isoladas ou de grupos. A transformação aconteceu, de maneira geral, sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem.

O desenvolvimento do processo civilizador ocorre segundo a ideia de que planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas, constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil, podendo dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem mais irresistível, mais forte do que a vontade e a razão das pessoas que a compõem. A consolidação dessa ordem se caracteriza como o processo civilizador.

A medida que mais pessoas passam a sintonizar sua conduta com a de outras, a teia de ações se organiza cada vez mais de forma rigorosa e precisa, a fim de que cada ação individual desempenhe uma função social. O indivíduo passa a ser obrigado a regular sua conduta de maneira mais diferenciada, uniforme e estável. A teia de ações se tornou tão complexa e extensa, o esforço para se comportar "corretamente" em seu interior tornou-se tão grande que resultou em enorme autocontrole individual. Trata-se de um cego aparelho automático de autocontrole firmemente estabelecido, trazendo uma muralha de medos profundamente arraigados.

A estabilidade peculiar do aparato de autocontrole mental que emerge como traço decisivo da civilização ocidental, embutido nos hábitos de todo ser humano "civilizado", mantém relação estreita com a monopolização da força física e a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade. Só com a formação desse tipo relativamente estável de monopólios que as sociedades adquirem realmente

essas características civilizadas, com um padrão altamente regulado e diferenciado de autocontrole.

Segundo o autor, situações competitivas levaram certo número de senhores feudais ao conflito, o que culminou com o monopólio de um deles, levando, assim, à formação do Estado absolutista. Toda essa reorganização dos relacionamentos humanos foi importante para mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade do homem, cujo resultado é nossa forma de conduta e de sentimentos "civilizados".

Neste ponto, convém lembrar o pensamento de Hobbes, para quem, se os homens almejam a paz, devem deixar de lado parte de sua liberdade, como agir naturalmente seguindo seus instintos, entregando-a a um soberano detentor de poder e força, que deverá garantir a vida de todos os homens. De certa maneira, essa visão é reveladora do processo civilizador, com o qual a violência deixa de ser disseminada para ter seu controle exercido por um poder coercitivo. Para Hobbes, este poder na mão de um soberano poderia oferecer segurança para o conjunto dos membros de sua sociedade, mesmo que a justiça não seja assim garantida e que a força pelo Estado possa ser usada além de limites aceitáveis.

Ao se formar um monopólio de força, criam-se espaços sociais pacificados, que normalmente estão livres de atos de violência. Formas de violência não-física que sempre existiram, mas que até então sempre estiveram misturadas ou fundidas com a força física, são agora separadas destas últimas. Por exemplo, são mais visíveis, no que se refere ao padrão de nosso tempo, tipos de violência econômica, como aquelas que representam marginalização e injustiça social.

As sociedades sem um monopólio estável da força são sempre aquelas em que as divisões de funções são relativamente pequena e, relativamente, também pequenas as cadeias de ações que ligam os indivíduos entre si, enquanto as sociedades com monopólio estável tem um caráter inverso. A propósito, a interdependência é um conceito chave para Norbert Elias. As relações entre os indivíduos explicam a transmissão e reprodução, bem com a transformação de padrões de comportamento social. O indivíduo é influenciado pelo todo e pode também influenciar mudanças. De todo modo, quanto mais a sociedade conhece divisão de funções sociais, maior é a interdependência entre os indivíduos que a compõem. Assim, é pertinente mencionar que todas as pessoas estão interligadas e são afetadas por este convívio social.

Com um monopólio estável, os choques físicos ou as rixas foram banidos da vista ou pelo menos submetidos a regras sociais cada vez mais rigorosas. Porém, o campo da batalha foi transportado para dentro do indivíduo, parte das tensões e

paixões que eram liberadas diretamente na luta de um homem com outro ocorrerá dentro do ser humano. Com o monopólio estável da força, a violência e outros sentimentos menos "civilizados" da população são portanto banidos do convívio social. Em uma atitude mais passiva, os indivíduos frequentemente buscam sentimentos em torno da violência nas artes e no esporte, o que pode ser visto como válvulas de escape bem aceitas socialmente.

Essa luta semi-automática da pessoa consigo mesma nem sempre tem uma solução feliz, nem sempre a autotransformação requerida pela vida em sociedade leva a um novo equilíbrio entre satisfação e controle de emoções. Frequentemente, os indivíduos estão sujeitos a grandes ou pequenas perturbações, o que torna o desempenho de suas funções sociais ainda mais difícil, se não impossível. Os processos civilizadores individuais são bem-sucedidos quando os indivíduos incorporam um padrão de conduta bem adaptado ao contexto das funções sociais adultas. Porém, o processo civilizador individual pode ser julgado mal-sucedido, quando o controle socialmente necessário é repetidamente "comprado" a um alto custo de satisfação pessoal. De fato, são frequentes os desajustes sociais que caracterizam muitos indivíduos "diferentes" daqueles que interiorizaram profundamente o autocontrole das emoções, o que é visto como adequado para adotar o padrão de convívio "civilizado".

Em conclusão, a "civilização" se desenvolve sob efeito de pressões competitivas. A divisão de funções torna cada vez maior o número de pessoas dependentes umas das outras. Trata-se de um processo macro-social de monopolização da força física que permite e impõe uma cooperação menos carregada de emoção. Assim, podem ser estabelecidas funções que exigem constante visão retrospectiva e prospectiva na interpretação das ações e intenções de outras pessoas.

24/03/2015